

“CADÊ O LÁPIS COR DE PELE?”:
Narrativas e mediações possíveis na
Educação Infantil para uma Educação
Antirracista

LAVINIA BRASILINO DE MORAES
EMILIA PEIXOTO VIEIRA
FLÁVIO SANTIAGO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ – UESC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO



MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

**LAVÍNIA BRASILINO MORAES
EMÍLIA PEIXOTO VIEIRA
FLÁVIO SANTIAGO**

“CADÊ O LÁPIS COR DE PELE?”:

Narrativas e mediações possíveis na Educação Infantil para uma Educação Antirracista

**ILHÉUS - BAHIA
2025**



LAVINIA BRASILINO MORAES
EMILIA PEIXOTO VIEIRA
FLÁVIO SANTIAGO

CADÊ O LÁPIS “COR DE PELE”?:

narrativas e mediações possíveis na Educação Infantil para uma Educação Antirracista

Produto Educacional da pesquisa *Vai querer que eu pinte dessa cor mesmo? Marrom? Vai ficar feio!*: Diálogos com crianças sobre as Relações Raciais na Educação Infantil do Campo, apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação – PPGE, da Universidade Estadual de Santa Cruz, como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de pesquisa: Políticas, Culturas e Educação Democrática

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Emilia Peixoto Vieira

Coorientador: Prof. Dr. Flávio Santiago

**ILHÉUS - BAHIA
2025**



FICHA CATALOGRÁFICA



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	6
1 A EDUCAÇÃO INFANTIL, A DCNRE E A LEI 10.639/03	7
2 NARRATIVAS E MEDIAÇÕES POSSÍVEIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA	8
2.1 O cabelo como grande marcador racial das diferenças	8
2.1.1 Mediações pedagógicas possíveis	8
2.2 A naturalização de frases racista na Educação Infantil do Campo	9
2.2.1 Mediações pedagógicas possíveis	9
2.3 A reprodução do racismo por meio do brincar na Educação Infantil	10
2.3.1 Mediações pedagógicas possíveis	10
2.4 A violência do racismo nas identidades das crianças negras	11
2.4.1 Mediações pedagógicas possíveis	11
3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM FOCO: UMA AMOSTRA DO LIVRO CADÊ O LÁPIS “COR DE PELE”?	12
CONSIDERAÇÕES	18
REFERÊNCIAS	20



APRESENTAÇÃO

“Na pele escura que brilha ao sol,
Há histórias que dançam, que pedem lugar.”
Lavínia Brasilino de Moraes

O racismo estrutural se manifesta de forma sutil e cotidiana no ambiente escolar, afetando diretamente a construção da identidade das crianças negras desde muito cedo. Durante o desenvolvimento da pesquisa *Vai querer que eu pinte dessa cor mesmo? Marrom? Vai ficar feio!:* Diálogos com crianças sobre as Relações Raciais na Educação Infantil do Campo, pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado Profissional em Educação (PPGE) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), comentários sobre cabelos crespos, a resistência ao uso do lápis marrom como "cor de pele" e a rejeição de bonecas negras no ambiente da Educação Infantil do Campo são exemplos de como, desde cedo, ideias de inferiorização são internalizadas pelas crianças. Muitas vezes, esses comportamentos são reproduzidos sem reflexão, tanto pelas crianças quanto pelos próprios educadores.

O produto educacional produzido, um livro paradidático intitulado *Cadê o lápis “cor de pele”?*: narrativas e mediações possíveis na Educação Infantil para uma Educação Antirracista, é uma das exigências para se obter o título de mestre pelo Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação - PPGE/UESC, contudo não se resume apenas a essa formalidade, pois tem como propósito fomentar discussões e práticas pedagógicas que promovam a valorização da diversidade étnico-racial na Educação Infantil do Campo.

Por meio de narrativas extraídas da pesquisa realizada na escola da Vila Juerana, Ilhéus, Bahia, Brasil, buscamos estimular a reflexão das crianças sobre suas próprias percepções e vivências, além de oferecer subsídios para que as professoras pudessem problematizar e enfrentar práticas racistas naturalizadas no cotidiano escolar. Ao provocar o diálogo e a ressignificação de experiências, este produto educacional se configurou como uma ferramenta essencial para a promoção de uma educação antirracista desde a infância.

Boa leitura!



INTRODUÇÃO

O livro paradidático *Cadê o lápis “cor de pele?”*: narrativas e mediações possíveis na Educação Infantil para uma Educação Antirracista emerge da necessidade de abordar o racismo estrutural que se manifesta sutilmente no cotidiano escolar, impactando a construção da identidade de crianças negras desde a primeira infância. Ele foi concebido para ir além de uma formalidade acadêmica, buscando fomentar discussões e práticas pedagógicas que promovam a valorização da diversidade étnico-racial na Educação Infantil do Campo. Por meio de narrativas extraídas de uma pesquisa de campo, este material visa estimular a reflexão de crianças e educadores sobre suas percepções e vivências, oferecendo subsídios para problematizar e enfrentar práticas racistas naturalizadas, configurando-se como uma ferramenta essencial para a educação antirracista.

Com esse propósito em mente, o **objetivo geral** deste material é promover a reflexão e o enfrentamento de práticas racistas naturalizadas no ambiente escolar, utilizando narrativas infantis como instrumento para sensibilização e formação de professoras da Educação Infantil do Campo, além de estimular a construção positiva da identidade das crianças negras. Para tanto, os **objetivos específicos** são: estimular a problematização de preconceitos internalizados por meio da escuta ativa e do diálogo mediado; refletir sobre práticas pedagógicas que podem reproduzir ou combater o racismo no cotidiano da Educação Infantil; e contribuir para a construção de um currículo mais representativo, que respeite e valorize a diversidade étnico-racial.



1 A EDUCAÇÃO INFANTIL, A DCNRRER E A LEI 10.639/03

A Educação Infantil é um espaço privilegiado para a construção das identidades e do pertencimento. Isso se dá não só por ser a primeira etapa da educação básica, mas também por se fundamentar em direitos de aprendizagem e desenvolvimento, como conviver, brincar, explorar, conhecer-se, participar e expressar-se (Brasil, 2010).

No material paradidático elaborado, os dados da pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em Educação (PPGE/UESC) resultam da interação com crianças em diversos momentos da rotina educacional. Tais dados revelam como crianças negras e não negras dialogam sobre as relações étnico-raciais no cotidiano da Educação Infantil do Campo, reforçando, assim, a necessidade urgente de práticas intencionais que valorizem a diversidade étnico-racial e construam uma educação antirracista.

A Lei nº 10.639/03 (Brasil, 20023) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER) (Brasil, 2004) constituem marcos legais fundamentais que orientam as práticas pedagógicas no sentido de garantir uma educação antirracista desde os primeiros anos escolares, especialmente na Educação Infantil. Essas normativas não apenas reconhecem a urgência de enfrentar o racismo estrutural presente nas instituições escolares, mas também indicam caminhos e ações pedagógicas para que a diversidade étnico-racial seja valorizada cotidianamente, a partir de experiências significativas com as crianças.

A incorporação dessas diretrizes à prática cotidiana favorece o enfrentamento das desigualdades raciais ainda presentes no espaço escolar. Dessa forma, possibilita que as crianças negras se reconheçam positivamente em sua história, cultura e aparência, ao mesmo tempo em que as crianças não negras desenvolvem uma postura ética e crítica diante do preconceito e da discriminação. Adicionalmente, o uso das narrativas infantis coletadas durante a pesquisa neste material serve como dispositivo pedagógico, o que amplia as possibilidades de escuta, reflexão e transformação das práticas docentes, em consonância com os princípios da DCNEI e da Lei 10.639/03.



2 NARRATIVAS E MEDIAÇÕES POSSÍVEIS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

2.1 O cabelo como grande marcador racial das diferenças

A naturalização de frases racistas apareceu em diversas falas das crianças ao longo da pesquisa. Uma das primeiras narrativas coletadas se referia ao modo como algumas das crianças, principalmente as meninas, viam o cabelo crespo. Eram frases que remetiam à associação do cabelo crespo como algo feio, ruim, duro. Fayolá, uma das crianças que construiu essa pesquisa em determinado momento, disse que não usava o cabelo dela solto, pois quando soltava o cabelo ele ficava “duro”. Essa fala de Fayolá, que tem o cabelo crespo, evidencia a forma como o racismo no Brasil também se revela, ou seja, por meio da descaracterização da beleza de elementos que compõe a identidade negra, nesse caso o cabelo.

Diante disso, o que é possível fazer frente a falas como essas? Não há uma única maneira de agir, isso é fato! Contudo, silenciar-se diante de tais comentários não é uma solução, principalmente em ambientes formativos como a escola. Durante a pesquisa-ação com as crianças, foi possível realizar algumas mediações para abordar essa problemática, as quais só ocorreram após muita observação, diálogo com as crianças e leituras pedagógicas.

2.1.1 Mediações pedagógicas possíveis

- Propor a leitura de obras infantis que valorizem a estética negra e a diversidade capilar, como *O mundo no Black Power de Tayó* (Kiusam de Oliveira), ampliando o repertório simbólico das crianças.
- Desenvolver atividades sensoriais de toque, desenho e modelagem de diferentes tipos de cabelos, estimulando a percepção, o respeito e a valorização da diversidade.
- Promover rodas de conversa sobre o que as crianças pensam e sentem em relação ao próprio cabelo, favorecendo a escuta ativa e a desconstrução de preconceitos.
- Construir, em conjunto com a turma, cartazes como “*Meu cabelo, minha história*”, em que cada criança possa expressar sua relação com sua aparência e cultura.



Tais práticas contribuem para romper com estigmas históricos que atravessam os corpos negros, além de promover uma educação antirracista desde os primeiros anos, conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER) e a Lei 10.639/03.

2.2 A naturalização de frases racista na Educação Infantil do Campo

A narrativa final do livro paradidático revela uma cena emblemática da naturalização do racismo no cotidiano escolar. Nela, uma criança negra afirma que "pode ser branca se quiser", evidenciando como a lógica da branquitude é internalizada desde muito cedo como sinônimo de valor, beleza e pertencimento. Essa fala, aparentemente ingênua, carrega em si os efeitos de um processo histórico de negação da identidade negra e da imposição de um ideal branco como referência universal. Na Educação Infantil do Campo, em que muitas vezes o repertório de referências positivas sobre a população negra é ainda mais restrito, essas frases elucidam a ausência de mediações pedagógicas comprometidas com a valorização das identidades negras.

Ao dizer que poderia “ser branca”, a criança expressa o desejo de se distanciar de uma identidade historicamente estigmatizada, evidenciando o quanto o racismo pode operar de forma silenciosa, mas profundamente danosa, inclusive na constituição subjetiva da criança negra.

2.2.1 Mediações pedagógicas possíveis

- Criação de projetos pedagógicos que valorizem positivamente a identidade negra, com foco na ancestralidade, pertencimento e orgulho racial, desconstruindo a ideia de que ser branco é melhor.
- Inserção contínua com livros, músicas e obras de arte que apresentem protagonistas negros e negras em posições de afeto, inteligência, liderança e beleza.
- Propostas de rodas de conversa a partir de perguntas abertas, como “Como é bom ser quem a gente é?” ou “O que torna cada um especial?”, para que as crianças possam elaborar sentidos positivos sobre si e sobre os outros.



- Formação continuada dos profissionais da educação para reconhecer e intervir diante de falas que naturalizam o racismo, com base em estudos sobre identidade, infância e relações étnico-raciais.

Ao reconhecer a potência das infâncias do campo e sua capacidade de elaborar reflexões críticas, a escola assume o compromisso de não silenciar diante das frases racistas, mas sim de transformá-las em oportunidades de reconstrução simbólica e afetiva da identidade negra.

2.3 A reprodução do racismo por meio do brincar na Educação Infantil

Uma outra narrativa coletada, denominada no livro como “A boneca que só podia olhar”, expõe como o racismo se manifesta de maneira sutil e estrutural nas brincadeiras infantis. Na cena, crianças elegem a boneca branca como bebê principal, oferecendo-lhe cuidados e atenção, enquanto a boneca negra é deixada de lado, “sem nome”, “sem comidinha”, apenas “olhando”. Essa exclusão silenciosa da boneca negra revela como o brincar reproduz hierarquias raciais internalizadas, mesmo entre crianças pequenas.

O faz de conta, que deveria ser um espaço de liberdade e imaginação, pode tornar-se um campo de reprodução de exclusões quando não é mediado criticamente. Essa dinâmica reforça, para crianças negras, a ausência de pertencimento, e, para crianças brancas, a ideia de que corpos negros ocupam posições secundárias.

2.3.1 Mediações pedagógicas possíveis

- Inclusão intencional de bonecas negras nos espaços de brincar, valorizando diferentes tons de pele e estilos de cabelo;
- Criação de cantinhos de cuidado com bonecas negras, promovendo empatia e afeto;
- Proposição de narrativas em que bonecas negras sejam protagonistas, com nomes de personalidades negras da história afro-brasileira;
- Exploração da história das Abayomi, confeccionando-as com as crianças e refletindo sobre seus significados de afeto e resistência.



Essas estratégias contribuem para que as crianças passem a reconhecer as bonecas negras como dignas de afeto, cuidado e protagonismo, desconstruindo, desde cedo, a lógica racista que estrutura as interações sociais.

2.4 A violência do racismo nas identidades das crianças negras

A construção da identidade racial de crianças negras pode ser profundamente marcada por experiências de rejeição e silenciamento. Na narrativa “O desenho de Zahara: qual o lápis cor de pele?”, uma criança hesita ao usar o lápis marrom para representar a colega negra, alegando que “vai ficar feio”. Esse episódio mostra como o racismo internalizado impacta a percepção que as crianças têm de si e dos outros, reforçando a ideia de que a negritude é algo indesejável.

Essa violência simbólica, ainda que sutil, compromete o desenvolvimento da autoestima e do senso de pertencimento das crianças negras. Quando não é enfrentada, pode consolidar sentimentos de inferioridade e vergonha em relação à própria imagem.

2.4.1 Mediações pedagógicas possíveis

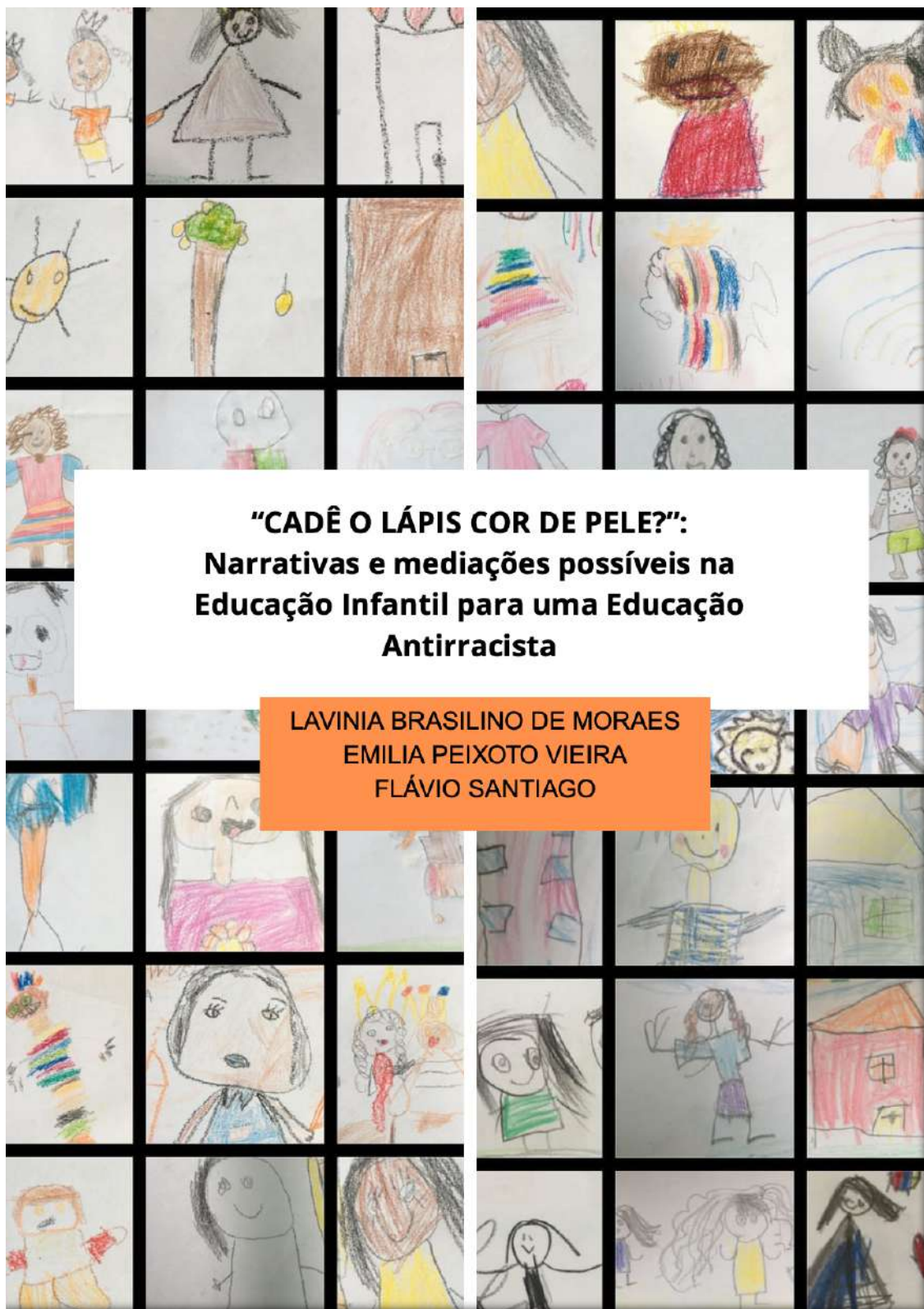
- Atividades de autorretrato com materiais diversos, incluindo lápis de cores variadas que representem os diversos tons de pele;
- Leituras de obras como *O lápis cor de pele do Menino Marrom* (Ana Paula Marini), que provocam reflexões sobre representatividade e diversidade;
- Espaços de escuta e expressão das crianças sobre como se veem e o que sentem ao serem desenhadas, nomeadas ou representadas por outras pessoas;
- Exposição de imagens e figuras diversas no ambiente escolar, garantindo que crianças negras se vejam positivamente refletidas nos materiais didáticos.

Essas intervenções favorecem o fortalecimento da identidade negra desde os primeiros anos de escolarização, promovendo um ambiente em que todas as crianças possam sentir-se valorizadas e pertencentes.



3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM FOCO: UMA AMOSTRA DO LIVRO *CADÊ O LÁPIS “COR DE PELE”?*

A decisão de não incluir aqui a íntegra do livro paradidático *Cadê o lápis “cor de pele”?*: narrativas e mediações possíveis na Educação Infantil para uma Educação Antirracista foi tomada com o objetivo principal de preservar seu caráter de ineditismo, crucial para futuras publicações. Anexar o livro produzido completo a este trabalho acadêmico o caracterizaria como já publicado, o que poderia comprometer sua aceitação por editoras interessadas em material exclusivo. Ao apresentarmos apenas uma amostra, garantimos a proteção dos direitos autorais e abrimos caminho para que as práticas pedagógicas antirracistas e as vivências resultantes deste trabalho alcancem um público mais amplo fora do ambiente universitário, maximizando seu impacto social.





APRESENTAÇÃO

**"NA PELE ESCURA QUE BRILHA AO SOL,
HÁ HISTÓRIAS QUE DANÇAM, QUE PEDEM LUGAR"**

Lavínia Brasilino de Moraes

O RACISMO ESTRUTURAL SE MANIFESTA DE FORMA SUTIL E COTIDIANA NO AMBIENTE ESCOLAR, AFETANDO DIRETAMENTE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS DESDE MUITO CEDO. DURANTE O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA "VAI QUERER QUE EU PINTE DESSA COR MESMO? MARROM? VAI FICAR FEIO!": DIÁLOGOS COM CRIANÇAS SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO", PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO E DOUTORADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO/PPGE DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ (UESC), COMENTÁRIOS SOBRE CABELOS CRESPOS, A RESISTÊNCIA AO USO DO LÁPIS MARROM COMO "COR DE PELE" E A REJEIÇÃO A BONECAS NEGRAS NO AMBIENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO SÃO EXEMPLOS DE COMO, DESDE CEDO, IDEIAS DE INFERIORIZAÇÃO SÃO INTERNALIZADAS PELAS CRIANÇAS. MUITAS VEZES, ESSES COMPORTAMENTOS SÃO REPRODUZIDOS SEM REFLEXÃO, TANTO PELAS CRIANÇAS QUANTO PELOS PRÓPRIOS EDUCADORES.

ESTE MATERIAL EDUCACIONAL TEM COMO PROPÓSITO FOMENTAR DISCUSSÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PROMOVAM A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO. ATRAVÉS DE NARRATIVAS EXTRAÍDAS DA PESQUISA REALIZADA NA ESCOLA DA VILA JUERANA, ILHÉUS, BAHIA, BRASIL, BUSCA-SE ESTIMULAR A REFLEXÃO DAS CRIANÇAS SOBRE SUAS PRÓPRIAS PERCEPÇÕES E VIVÊNCIAS, ALÉM DE OFERECER SUBSÍDIOS PARA QUE AS PROFESSORAS PROBLEMATIZEM E ENFRENTEM PRÁTICAS RACISTAS NATURALIZADAS NO COTIDIANO ESCOLAR. AO PROVOCAR O DIÁLOGO E A RESSIGNIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS, ESTE PRODUTO SE CONFIGURA COMO UMA FERRAMENTA ESSENCIAL PARA A PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DESDE A INFÂNCIA.





OBJETIVOS



OBJETIVO GERAL:

- PROMOVER A REFLEXÃO E O ENFRENTAMENTO DE PRÁTICAS RACISTAS NATURALIZADAS NO AMBIENTE ESCOLAR, UTILIZANDO NARRATIVAS INFANTIS COMO INSTRUMENTO PARA SENSIBILIZAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO, ALÉM DE ESTIMULAR A CONSTRUÇÃO POSITIVA DA IDENTIDADE DAS CRIANÇAS NEGRAS.

OBJETIVO ESPECÍFICOS:

- ESTIMULAR A PROBLEMATIZAÇÃO DE PRECONCEITOS INTERNALIZADOS POR MEIO DA ESCUTA ATIVA E DO DIÁLOGO MEDIADO;
- REFLETIR SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PODEM REPRODUZIR OU COMBATER O RACISMO NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL;
- CONTRIBUIR PARA A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO MAIS REPRESENTATIVO, QUE RESPEITE E VALORIZA A DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL.





O CABELO DE FAYOLÁ: EXISTE CABELO DURO?

FAYOLÁ OBSERVA ATENTAMENTE O CABELO SOLTO DE LAVÍNIA E, ENQUANTO O TOCA SUAVEMENTE, QUESTIONA:

— POR QUE VOCÊ USA O CABELO ASSIM, SOLTO? POR QUE NÃO PRENDE ELE? NÃO SENTE CALOR?

LAVÍNIA SORRI E RESPONDE:

— EU GOSTO DE USAR ELE ASSIM, SOLTO, BALANÇANDO COM O VENTO! (RISOS) POR QUE VOCÊ NÃO USA O SEU SOLTO TAMBÉM? FAYOLÁ FRANZE A TESTA E RESPONDE SEM HESITAÇÃO: — PORQUE MINHA MÃE NÃO DEIXA, MEU CABELO FICA DURO. QUANDO SOLTA, ELE FICA DURO.





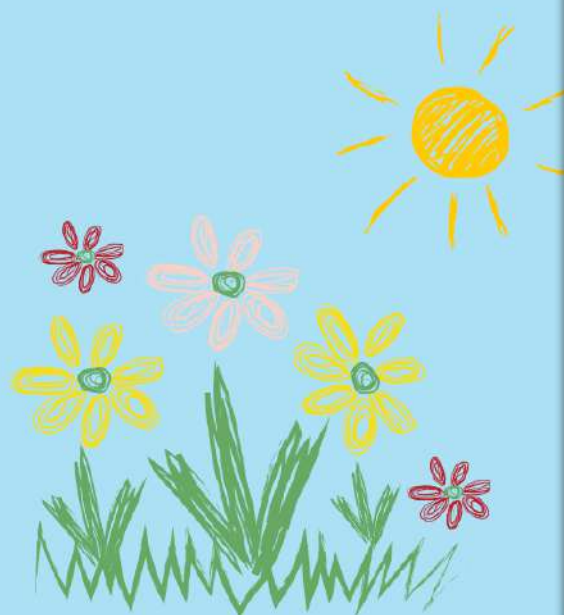
O CABELO DE FAYOLÁ: EXISTE CABELO DURO?

A LAVINIA, SURPRESA COM A RESPOSTA:

— OXI, SEU CABELO FICA DURO? DEIXA EU PEGAR NELE AQUI.

(ELA TOCA OS CACHOS DE FAYOLÁ COM CUIDADO). NOSSA, ELE É TÃO MACIO! (CHEIRA O CABELO DELA). SEU CABELO É MACIO E CHEIROSO, CACHEADINHO, IGUAL AO MEU. FAYOLÁ SE EXPLICA:

— EU NÃO TÔ FALANDO AGORA, TÔ FALANDO QUANDO LAVA E DEIXA SOLTO. QUANDO NÃO PASSA CREME ELE FICA DURO. MINHA MÃE QUE FALA.



A LAVINIA BATE NA MESA AO LADO E DIZ:

— NUNCA VI CABELO FICAR DURO. O SEU É BEM MACIO. DURO É ESSA MESA AQUI! (TOC-TOC).

FAYOLÁ DÁ RISADA E, DEPOIS DE UM MOMENTO DE SILÊNCIO, FALA HESITANTE, COMO SE ESTIVESSE TOMANDO CORAGEM:

— SABE, OUTRO DIA... É... É... VOU, VOU PEDIR PARA MINHA MÃE. EU... EU... VOU VIM COM MEU CABELO SOLTO, IGUAL AO SEU.



CONSIDERAÇÕES

O livro paradidático *Cadê o lápis “cor de pele”?*: narrativas e mediações possíveis na Educação Infantil para uma Educação Antirracista nasce da escuta atenta às crianças e de uma escuta enraizada no chão da escola do campo. Não é uma ficção, tampouco uma produção descolada da realidade: cada palavra, cada personagem e cada narrativa são atravessadas pelas experiências reais das infâncias negras em contextos do campo, onde o acesso à Educação Infantil já é, por si só, um direito frequentemente negado ou precarizado.

Tratar do racismo na infância exige coragem e compromisso ético. Por isso, embora as histórias aqui contadas busquem certa leveza estética para dialogar com o universo infantil, sua ludicidade e sua potência de imaginar, é preciso reconhecer que não há nada de leve quando se trata da dor provocada pelo racismo. A exclusão, a vergonha do próprio corpo, os silêncios eloquentes, as frases naturalizadas e o desejo de ser “o outro” são todas manifestações de violência. Tal gravidade se acentua ainda mais quando recai sobre crianças, especialmente as negras, que vivem em territórios já marcados por múltiplas desigualdades: raciais, territoriais, econômicas e de negação do acesso a uma educação de qualidade.

Esse material, portanto, não pretende apresentar uma “solução” pronta, mas provocar movimento. Que professores e professoras possam se reconhecer como mediadores ético-estéticos de histórias que denunciam e, ao mesmo tempo, anunciar possibilidades de um outro mundo, um mundo onde as crianças negras sejam vistas, amadas, representadas e valorizadas desde a educação infantil. Um mundo onde seus cabelos não precisem ser explicados, onde suas vozes não sejam silenciadas e onde suas histórias sejam parte viva do currículo.

A proposta também emerge do reconhecimento de uma fragilidade intencional do Estado em ofertar condições reais e viáveis para a implementação da Lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERER). Mais do que formações continuadas, é necessário enfrentar o desafio estrutural de garantir que as escolas, especialmente as do campo, disponham de acervos e materiais didáticos comprometidos com a diversidade étnico-racial.

Isso inclui desde livros infantis com representações positivas de crianças negras e brinquedos que contemplem a pluralidade dos corpos, até materiais de colorir com variedade de tons de pele, espelhos nas salas de aula, bonecas e bonecos com traços diversos, além de



objetos do cotidiano que convoquem as crianças a reconhecerem-se com dignidade e pertencimento. Uma política antirracista na educação infantil, portanto, só se concretiza se for acompanhada de financiamento, estrutura, intencionalidade e de uma escuta política das vozes das infâncias negras.

Que este livro possa contribuir para fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com uma educação antirracista, afetiva e transformadora, desde a Educação Infantil, e que a pergunta "Cadê o lápis cor de pele?" nunca mais seja respondida com apagamento e silenciamento, mas com afirmação de identidade, história e pertencimento.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 5 jun. 2024.

BRASIL. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 jun. 2004b. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 2 de ago. 2023.